



TANTO ELLA ASSUME NOVITATE AL FIANCO

LISBOA, TURIM E O INTERCÂMBIO
CULTURAL DO SÉCULO DAS LUZES
À EUROPA PÓS-NAPOLEÓNICA

ISABEL FERREIRA DA MOTA
CARLA ENRICA SPANTIGATI
(COORDS.)

IMPRESA DA
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA
COIMBRA
UNIVERSITY
PRESS

DA VIAGEM À ITÁLIA À PRÁTICA INSTITUCIONAL E POLÍTICA: ENTRE TURIM E LISBOA

Isabel Ferreira da Mota
Universidade de Coimbra

1. Introdução

António Rodrigues da Costa, político excepcional de finais do século XVII e primeiras décadas do século XVIII (1656-1732), mostra-se, na abertura da narrativa da sua viagem na Europa¹ – acompanhando, como secretário, o embaixador Marquês de Alegrete –, profundamente penalizado pelo atraso na publicação (1694) e consequente prejuízo na atualidade da informação política e cultural que fornece aos seus leitores. Dá assim a conhecer a importância decisiva do conhecimento que as viagens permitem adquirir, ao próprio viajante, pela experiência acumulada, e aos leitores, pela mediação textual. Na dedicatória do livro ao Conde de Vilar Maior, propõe-se mesmo, como preceptor deste filho primogénito do marquês embaixador,

¹ COSTA A. R. da (1694), *Embaixada que fes o Excellentissimo Senhor Conde de Villar-Maior (hoje Marques de Alegrete) dos Conselhos de Estado, e Guerra d' El Rei N. S. Gentil Homem da sua camera, e vedor da Fazenda, etc. Ao Serenissimo Principe Philippe Guilbelmo Conde Palatino do Rhim, Eleitor do SRJ...*, Miguel Manescal, Lisboa. Esta viagem percorre os maiores centros de cultura da Europa Central desde os séculos XV e XVI.

colmatar o desgosto que o seu pupilo teve por não poder acompanhar o pai. Junta, pois, o autor este livro, substituto da viagem que não fez, aos muitos outros que o seu pupilo estuda, «em estudo bem regulado», para o «conhecimento dos costumes, e leis das nações estranhas, as forças, e interesses dos Príncipes, as causas externas, e internas das declinações de uns impérios, e exaltação de outros, e finalmente as máximas da melhor razão de Estado». Poderá pois o seu pupilo, diz, com estas qualidades e esta formação, por si orientada, seguir os passos do próprio pai, «em benefício da pátria», ocupando «os ministérios, e empregos da maior suposição»².

Rodrigues da Costa, ao longo da viagem, no lugar privilegiado de secretário da embaixada, analisou cidade após cidade, região após região. Experimentou, comparou, diferenciou: costumes, confissões religiosas, códigos de cortesia e comportamentos sociais, opções económicas, sistemas de governo. Ao verter a sua experiência para o texto narrativo não deixa de referir Justus Lipsius³, justamente um célebre humanista que, no século XVI, dá conselhos aos viajantes interessados em política⁴. De resto, mesmo sem abundantes referências, António Rodrigues da Costa demonstra estar a par dos muitos textos tratando o tema da viagem e do seu método. A escrita rascunhada do relato da viagem deve ter acompanhado a própria viagem, tomando notas e possivelmente preenchendo grelhas, ainda que possam ter sido grelhas apenas mentais. Não deixando nunca de registar, ou no local ou na posterior preparação do texto para publicação, as suas próprias opiniões económicas e políticas, acompanhadas também de notória erudição histórica. Isto é, não apenas

² COSTA A. R. da (1694), ver dedicatória (s.n).

³ COSTA A. R. da (1694), p. 34.

⁴ Ver STAGL J. (1995), *A History of Curiosity: The theory of travel 1550-1800*, Harwood Academic Publishers, Chur – Switzerland, p. 54.

observou, mas também se confrontou (a si próprio e ao seu reino) com o que lhe foi dado observar.

Aprendidos e avaliados os delicados equilíbrios políticos do centro da Europa, não tardou que Rodrigues da Costa fosse chamado a desempenhar funções na administração, destacando-se a sua atuação brilhante no Conselho Ultramarino. O périplo europeu de Rodrigues da Costa ilustra assim exemplarmente, na transição do século XVII para o XVIII, o papel privilegiado da viagem como fonte e instrumento de análise política, plasmada no «Manifesto que a nossa Corte publicou para justificar a guerra, e liga, que se fez sobre a sucessão de Castella»⁵, de que viria a ser encarregado, bem como na inspiração concreta de novas práticas administrativas, como as que viria a implementar no Conselho Ultramarino.

2. Viagem, erudição e academias

Em 1710 é a vez de Manuel Caetano de Sousa, importante erudito da primeira metade do século XVIII, se dirigir a Roma com a incumbência de votar no Capítulo Geral da Religião dos Clérigos Regulares Teatinos. Regressou a Lisboa apenas em 1713, tendo produzido umas memórias da sua viagem por Itália e Espanha. Infelizmente desaparecido o texto original, «quatro Tomos de 4º», utilizaremos como fonte principal a seleção que destas memórias fez Tomás Caetano de Bem (seleção baseada num olhar da segunda metade do século XVIII, o ponto de vista que, aliás, mais nos interessa no âmbito desta obra) na Biografia que dedicou àquele erudito, vinda

⁵ SILVA M. T. (1732), *Elogio de Antonio Rodrigues da Costa que o Marquez Manoel Telles da Sylva Recitou na Academia Real da Historia Portugueza* in *Collecçam dos Documentos, e Memorias da Academia Real da Historia Portugueza* (1732), Oficina de José Antonio da Silva, Lisboa. Ver também Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), Cod. 4426.

a público em 1792. Tomás Caetano de Bem, nesta data, seleciona para o leitor de fim de século «as cousas que lhe poderão merecer particular reparo», configurando assim a viagem erudita exemplar. Na tentativa de apreender os traços essenciais tanto da representação do viajante como da viagem nesta conformação tardo-setecentista da viagem exemplar por Tomás Caetano de Bem, confrontaremos ainda a seleção efetuada por este autor com a recopilação parcial das memórias de viagem de Manuel Caetano de Sousa devida a Caetano do Avelar, seu acompanhante, e com as cartas escritas de Itália ou sobre a Itália por Caetano de Sousa.

Também este último, aliás, dispunha ele próprio de uma representação definida do «método de viajar» e da prática do «Grand Tour» europeu, aproveitando pois a oportunidade para fazer, nas palavras de Justus Lipsius, a sua «nobilis et erudita peregrinatio». Conhecedor dos clássicos textos sobre viagens, foi autor de um guia ou grelha de perguntas às quais todo o viajante deveria procurar responder⁶.

«Á curiosidade, e vigilancia do Padre Sousa poucas cousas das notaveis ... entendemos poderião escapar, o que bem se confirma com a vastidão das suas memorias, aqui não referiremos tudo ... Desta jornada pois do Padre Sousa daremos aqui sómente uma ideia geral»⁷.

Estas são as palavras de Tomás Caetano de Bem sobre a seleção que opera na narrativa de Manuel Caetano de Sousa. Com essa seleção vai definir a Itália erudita da primeira metade do século XVIII,

⁶ Ver *O Peregrino Instruído. Devem aquelles que por meio das viagens querem conhecer utilmente o Mundo, informarse em cada lugar do estado natural, Ecclesiástico, Político, e Militar delle*, B.N.L., Códice 618. Ver também BUESCU A. I. (1988), “O Peregrino Instruído”. *Em torno de um projecto de viagem setecentista* in “Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas”, 2, pp. 27-58.

⁷ BEM T. C. de (1792-1794), *Memórias históricas chronologicas da sagrada religião, dos clérigos regulares em Portugal...*, Regia Officina Typografica, Lisboa, T. I, p. 325.

tal como representada na segunda metade desse mesmo século, traçando-lhe os contornos, definindo-lhe os momentos de intensidade, configurando os seus polos e as suas fronteiras. Como veremos, esta definição não está longe da de Giuseppe Ricuperati, no traçado da sua «geografia intelectual do espaço italiano»⁸.

Manuel Caetano de Sousa, membro das academias mais seletas da corte, amante de livros, de edições, de bibliotecas, descendente por bastardia de uma importante família aristocrática, leva na bagagem para a sua viagem a Itália uma sólida cultura clássica e uma profunda religiosidade, bem como certamente uma imagem preconcebida do espaço a visitar. É esta cultura de partida que vai ser «desarrumada». A viagem desestabiliza a ordem dos olhares sobre si e sobre o outro, «paradigme de l'expérience authentique et directe [a viagem] transforme les personnalités individuelles, les mentalités et les rapports sociaux»⁹.

Em 16 de Outubro, embarcaram no porto de Lisboa o Padre Sousa, o seu companheiro, Irmão José Caetano do Avelar, e um criado. Seguiam viagem numa nau veneziana, que acompanhava uma galera também veneziana, um navio genovês, e um outro de Flessighen. Cruzaram-se ainda no Atlântico com duas naus de «Mouros Corsários», o que obrigou a pequena esquadra a pôr-se imediatamente em armas e linha de batalha, chegando a haver uma pequena peleja.

A 30 de Novembro ancoraram no Porto de Lierne. Instalaram-se na estalagem do Leão de Ouro, que os viajantes consideraram «maravilhosa», e logo se deu o primeiro confronto cultural: «vimos a

⁸ RICUPERATI G (2006), *Frontiere e limiti della ragione. Dalla crisi della coscienza europea all' Illuminismo*, Utet, Milano, p. 7.

⁹ BERTRAND G. (2004), *Le voyage en Italie au XVIII^e siècle: problématiques et perspectives in Le voyage à l'époque moderne (2004)*, Ass. Hist. Mod .Univ., Presses de l'Université de Paris-Sorbonne, p. 30.

escola dos judeus, que nos pareceu escandalosa por muy ornada»¹⁰. De Piza visitaram as pontes, as Igrejas e a Sé, sobre cujas maravilhas remete para um livro italiano, num exercício simultâneo de experiência e de leitura. E partiram para Florença. Do acolhimento que receberam nesta cidade, como noutras em Itália, e da trama de interações que se foram tecendo, nos informa largamente a narrativa. Como não podia deixar de ser, Caetano de Bem, erudito e biógrafo, destaca o jogo das relações sociais e «savantes» na organização da estadia do viajante.

Recolhendo-se na casa que a sua própria religião possui na cidade, no dia seguinte recebeu a visita de um nobre florentino com quem, estando em Lisboa, contraíra amizade. Com este tratou de conseguir audiência do Grão-Duque, o que se realizou, recebendo o Grão-Duque ao Padre Sousa com «summa urbanidade». No dia seguinte recebeu o viajante um presente enviado pelo Grão-Duque, «que constava de varios doces, salmão, caviar, enxovas, e vinhos, que conduziam alguns lacaios». Pouco depois, proporcionou-se um dos pontos altos da viagem a Itália, o encontro com o bibliotecário do Grão-Duque,

«o célebre, e tão famoso Antonio Magliabecchi, tão instruído na Historia Literaria, e conhecimento dos livros, e de quem o mesmo Padre Sousa em suas Memorias affirma *ser monstruoso em a sciencia Bibliothecaria*. Este o recebeu com notaveis honras, e passarão logo a falar em livros; e Magliabecchi se queixou dos poucos, que de Hespanha passavam à Itália; e o Padre Sousa lhe deo noticia de alguns que elle ainda não conhecia»¹¹.

¹⁰ AVELAR J. C. do, *Viagem de Itália e Espanha feita pelo P. D. Manuel Caetano de Souza, clérigo regular, e recopilada pelo Irmão Jose Caetano do Avelar que foy seu companheyro nella*, BNP, Cod. 541, p. 7.

¹¹ BEM T. C. de (1792-1794), T. I, p. 329.

Dando o P.^e Sousa notícia de algumas obras suas e pedindo Magliabecchi informação sobre outras, trocaram informações e conversaram sobre diferentes projetos de publicação. Desde logo, é de acentuar um facto relevante e que se repete:

«le voyage... n'agit pas seulement sur l'individu qui se déplace, mais joue un rôle dans l'histoire des sociétés d'accueil, c'est-à-dire par lesquelles passent et où séjournent les voyageurs, ainsi que dans celles de départ qui sont des sociétés où ceux-ci font retour au terme de leur déplacement»¹².

Por outras palavras, os efeitos são recíprocos e multiplicam-se. As viagens a Itália de homens como Manuel Caetano de Sousa, como dos outros em análise neste artigo, permitem que os italianos tenham também uma imagem de Portugal, a qual se pode mover ou modificar: a imagem constrói-se e reconstrói-se duplamente.

Apesar de não se limitarem ao nível das trocas eruditas e dos grandes modelos culturais, penetrando amiúde a esfera do quotidiano e da privacidade¹³, as relações do Padre Sousa com eruditos, amantes das ciências e das letras multiplicam-se, e a elas confere Tomás Caetano de Bem, no final do século XVIII, o maior relevo. A lista é grande e os eruditos nela constantes, sabe-o Caetano de Bem, são nomes de referência, com importância reconfirmada na segunda metade do século. A recolha de informação bibliográfica tem um lugar de destaque nestas trocas. Obteve assim o Padre Sousa notícias da obra *Paleographia Graeca* que Bernardo Montfaucon, da Congregação de São Mauro em França, tinha publicado no ano precedente, bem como da obra de Mabillon, da mesma congregação,

¹² BERTRAND G. (2004), p. 29.

¹³ Ver (em T. C. B., op. cit., pp. 333-334) a descrição do serão dispensado a Manuel Caetano de Sousa pelos jesuítas do Colégio da Companhia de Jesus em Florença que, com particular cortesia, o acolheram na intimidade privada da sua comunidade.

intitulada *De Re Diplomatica*, igualmente impressa em Paris em 1709. Falava-se também «nos livros que o célebre Luiz Antonio Muratore tinha composto sobre a Poesia Italiana», nomeadamente em conversas com Académicos da Crusca ou com o enviado de Inglaterra, Henrique Newton, junto de quem obteve também «notícias do mundo». Em tempo de grande agitação europeia, este olhar sobre o mundo era uma preocupação permanente de Manuel Caetano de Sousa. Depois de uma última visita à livraria do Grão-Duque, pela mão de Magliabecchi, onde pode apreciar a qualidade e raridade dos seus livros e manuscritos (como aliás sucederia nas suas visitas a muitas outras livrarias por toda a Itália), seguiu viagem. As visitas a eruditos e a livrarias são permanentes, as conversas e debates sobre livros, e muito particularmente sobre livros de história, são recorrentes.

Não saiu no entanto de Florença sem mais um presente do Grão-Duque, o qual:

«constava de um grande prato, no meio do qual vinha uma porcelana cheia de ovos moles, e à roda desta várias castas de doces de ovos seccos feitos á Portugueza, e mais quatro caixas, e dous cofres com suas gavetas cheios de preciosíssimos remedios, preparados na sua Real Botica»¹⁴.

A troca passava por todas as facetas da cultura, desde a gastronomia aos preparados medicinais, das reflexões políticas às considerações históricas.

Depois de Florença, novo polo cultural – Roma. Destacado por Tomás Caetano de Bem e confirmado pelo historiador Giuseppe Ricuperati, para quem, retomando Muratori, os grandes centros e instituições culturais da época se encontram em Florença, Roma,

¹⁴ BEM T. C. de (1792-1794), T. I, p. 341

Nápoles e Veneza: «Quando Muratori concepì i *Primi disegni*, costruì implicitamente una geografia intellettuale dell'Italia che considerava Roma, Napoli, Firenze, Venezia, Milano e le piccole città del Centro, come Modena e Parma»¹⁵. Manuel Caetano de Sousa percorreu todos estes polos culturais, visitando o próprio Muratori, que de imediato retribuiu, visitando também o viajante português nas suas instalações. Mais visitas trocaram para longas, eruditas e informadas conversas, acompanhadas de ofertas de livros.

As representações das culturas portuguesa e italiana entrecruzam-se, duplicam-se, multiplicam-se e permanecem. Assim, Tomás Caetano de Bem confirma e enfatiza, já no fim do século: «Em 15 de Março partio para Modena... no seguinte dia de tarde foi ao Palacio do Duque, cuja Livraria lhe mostrou seu Bibliothecario o célebre Luiz Antonio Muratori, bem conhecido no mundo por seus escritos»¹⁶. E segue-se o relato das ofertas de livros de Muratori e dos diversos encontros entre ambos.

Diz-nos o historiador Giuseppe Ricuperati que naquele *Primi disegni* de Muratori

«Mancava ogni riferimento a Torino, che proprio nei primi decenni del Settecento avrebbe realizzato con più intensità, all'interno del programa di modernizzazione coordinato da Vittorio Amadeo II, quella parte delle riforme intellettuali muratoriane riguardanti non solo le università, ma anche le scuole secondarie»¹⁷.

Era ainda cedo para Manuel Caetano de Sousa observar as reformas de Vittorio Amadeo II. Serão Manuel do Cenáculo e Frei Joaquim de São José, na sua viagem de 1750, que delas se informarão, tendo

¹⁵ RICUPERATI G. (2006), pp. 7 e 11.

¹⁶ Id., pp. 417-418

¹⁷ Id., p. 11.

Cenáculo com elas muito aprendido, como veremos. Mas Manuel Caetano de Sousa não deixava de ter também grande interesse e curiosidade pela cidade de Turim, um dos pontos altos da visita, embora por diferentes motivos, que adiante analisaremos.

Quanto a Roma, nela foi o Padre Sousa recebido pelo embaixador português André de Mello e Castro, seu particular amigo e que, já depois do regresso a Lisboa, em frequentes cartas, continuará a informá-lo não só do que se passa em Itália, mas também das notícias que a Roma chegam de todo o mundo¹⁸.

Instalado na Casa da sua ordem, aí recebe um corrúpio de visitas, tanto romanos como portugueses. O próprio Padre visitou, mais uma vez, bibliotecas e seus bibliotecários, recebeu livros e estampas de presente. Correspondendo o modo de circulação dos livros ao modo de circulação das pessoas no tecido social, contactos e influências ultrapassavam assim as fronteiras de países ou cidades. Visitou Gabinetes e Museus, tipografias, lojas de mercadores de livros, encontrando nelas outros eruditos com quem veio a contrair amizade. Mas assistiu também a representações teatrais, comédias e tragédias «notavelmente representadas» e Óperas. Participou nos divertimentos de Carnaval mas, «entre as visitas dos amigos, e das Livrarias, em que ordinariamente empregava o tempo»¹⁹, fez também a peregrinação das igrejas, relíquias e lugares santos. Não deixou de contactar também, naturalmente, com cardeais e outras figuras da mais alta hierarquia da Igreja.

Conheceu a Roma do Papa e dos cardeais (com o seu cerimonial). Conheceu também os Palácios, onde privilegiou a visita às livrarias, no seu conteúdo e na decoração dos seus interiores e dos seus adereços, antiguidades e preciosidades. Vai observando

¹⁸ Ver MOTA I. F. da, (2016), *Erudição e vida privada nos inícios do século XVIII. Um estudo de caso* in “Revista Portuguesa de História”, t. XLVII, pp. 257-267.

¹⁹ BEM T. C. de (1792-1794), T.I, p. 350.

o que há sobre História de Portugal, medalhas e moedas antigas. Visita jardins e gabinetes de história natural, admira os seus fósseis e outras curiosidades. Acumula assim uma enorme quantidade de informação e um capital de experiência que lhe vai ser muito útil, depois do regresso a Lisboa, na sua vivência pessoal e na sua ação institucional e política, nomeadamente junto do rei D. João V. Capital a que vai recorrer bastas vezes nas suas atividades eruditas. Particularmente disponível está o fundo de livros que trouxe de Itália, oferecidos e comprados, presentes na livraria da sua cela, que usa ele próprio e que são recurso também para os amigos e discípulos²⁰.

Observou igualmente em Roma, em casa de José Campana, célebre «maquinista», microscópios e telescópios de diversas manufaturas, muitos outros instrumentos e várias obras na área da Ótica. Informou-se das novas observações astronómicas conseguidas com novos e potentes «oculos», tudo isto relata orgulhosamente Tomás Caetano de Bem, publicando para um público mais alargado a informação contida no diário do viajante, selecionada e enfatizada ao modo do final do século XVIII. Diz que com Monsenhor Bianchini, de quem recebeu como presente o seu livro «Solutio Problematis Paschalis», o viajante observou a Lua com um «óculo de setenta palmos»²¹. Não admira, pois, que venha a ter também na sua cela em Lisboa alguns desses instrumentos. O trato com os sábios e doutos mais reputados foi permanente. Deste modo assistiu, como convidado, na *Sapiencia* a um doutoramento; no Colégio Romano, a umas Conclusões de matemática, tendo ainda participado como arguente em muitas «Conclusões» públicas. Autores há que lhe pedem que faça traduzir para português as suas obras.

²⁰ Ver MOTA I. F. da, (2016).

²¹ BEM T. C. de (1792-1794), T. I, p. 370.

Depois de uma deslocação a Nápoles, voltando a Roma, frequentou durante a sua estadia a Academia dos Arcades ou Arcádia. Em 1 de Outubro de 1711

«se celebrou em aquelle anno a ultima Academia dos Arcades, que depois se transferiu a uma nova casa, que no sítio comprado por ordem d’El Rei de Portugal D. João V e com a despeza do mesmo Monarca nelle, se fabricou para as Sessões, da mesma tão célebre Academia»²²

A esta sessão assistiu Dom Manuel de Sousa, que foi nomeado sócio da Arcádia de Roma com o nome de Telamo Anomio. Ao deixar Roma e despedindo-se dos seus amigos, diz o seu biógrafo que se despedia «de toda Roma Nobre, Purpurada, Sabia, e Politica»²³. Na despedida do Papa, este lhe confirmou para sempre a licença, que já tinha do Santo Ofício, para ler livros proibidos.

Tentou trazer consigo estampas de cidades, mas não encontrou coisa que lhe agradasse, comentando que em Roma só se deve procurar a mesma Roma, para as estampas vai-se a Paris ou à Flandres. Tal como todos os que percorriam a Itália, não deixou D. Manuel de ir também a Nápoles, avisando Tomás Caetano de Bem o leitor que não despreverá Nápoles como o Padre Sousa o fez em suas memórias, até porque o leitor poderá informar-se na obra de Carlos Celano, de 1692, *Notitie del bello, del antico, e del curioso della Città di Napoli*, ou no *Guida de Forastieri*, impresso em Nápoles em 1697.

Admirando as numerosas «maravilhas da Arte», também em Nápoles assistiu a «Conclusões» nos Conventos onde diz que, com o mesmo calor de Hespanha, foram bem defendidas e fortemente

²² Id., p. 400

²³ Id., p. 405

impugnadas. Chegou mesmo a ser convidado, também em Nápoles, para arguir conclusões de Filosofia, o que aceitou.

Admirou muito as ruínas romanas, tanto como os manuscritos raros e antigos. Viu ainda os *Museus* plenos de antiguidades e curiosidades e visitou, como não podia deixar de ser, os mais doutos, como José Valleta, «eruditissimo» e colecionador de livros antigos tocantes à erudição e à política. Conferenciou com o famoso João Francisco Gemelli Careri, autor da obra *Giro del Mondo* – que esteve em Portugal e em Goa –, além de outros autores. Também, como sempre, foi a casa dos livreiros, procurar e comprar novidades.

Passou ainda por Veneza, onde tomou boa conta da organização política da República, e visitou o seu Arsenal. Travou também conhecimento com Bernardo Trvisano, que lhe gabou muito os escritores portugueses, principalmente Luís de Camões, e com o cosmógrafo Vicente Coronelli. De novo encontrou Scipião Maffei, com quem tinha feito amizade em Roma. Em todo o percurso vai recebendo e escrevendo cartas, para dentro e fora de Itália, percurso feito de encontros e reencontros. Pádua e Mântua, com importantes contactos com Bento Bachini, também fazem parte do seu roteiro, tal como Milão, mas novo destaque é dado, arriscamo-nos a dizer por razões políticas, à cidade de Turim.

O que prima em Turim é o urbanismo e a arquitetura civil, o deslumbramento perante a regularidade de formas do «Turim Novo», os interiores «galantíssimos» do Palácio e o «vastíssimo» e «formosíssimo» jardim. E, sempre que presentes, realçados os vestígios dos estragos feitos pelos franceses, na cidadela ou nos jardins, realce acompanhado de um claro alinhamento – em tempo de guerra da sucessão de Espanha – pelos piemonteses e contra os franceses, franceses que, com glória para os do Piemonte, «foram obrigados a deixar Turim» em Setembro de 1706. Nas palavras de Tomás Caetano de Bem, «partiu para Turim [e] chegando a Vercelli lhe causou compaixão o

estrago, que as armas Francezas tinham feito nesta Cidade»²⁴; ou, na transcrição de Caetano do Avelar, «faz compaixão o ver esta cidade toda desmantelada pelos Franceses».

Em Julho de 1712 chegou Manuel Caetano de Sousa a Turim. Caetano do Avelar escreve (transcrevendo certamente Manuel Caetano de Sousa), a respeito do Duque de Saboia, então reinante, «que he Principe admiravel no zelo da justiça» e sobre esta cidade, ou Turim o Novo, diz o Padre Sousa, na recopilação de Caetano de Bem, «que he o modêlo da Policia, porque as suas ruas todas são muito largas, e formosas, e cheias de Palacios todos uniformes». Se não tivéssemos algum receio da palavra, por demasiado anacrónica, diríamos que, a propósito de Turim, ao lado do interesse político de Dom Manuel, existe um traço de «turismo urbano», vivendo a cidade nas suas ruas e nas suas praças, na sua arquitetura e nos seus ambientes, admirando e incorporando novos significados em novos espaços.

Como se sabe, Manuel da Maia, engenheiro militar e responsável «pela metodologia seguida na reconstrução de Lisboa posterior ao Terramoto de 1755», conhece as soluções urbanísticas de Turim, tal como as de Londres²⁵. Os nossos viajantes, logo em 1712, admiraram Turim Novo, sem dúvida um dos momentos felizes da sua viagem, onde Manuel Caetano de Sousa pode, mais uma vez, integrar, numa mesma experiência, religião, política e cultura. Na verdade, a viagem de D. Manuel traça, na Itália, uma geografia dos afetos, tanto como uma geografia «intelectual». Relembremos uma expressão de Peter Burke, embora aplicada a uma outra época: «A Itália que os não-italianos imitavam era de certo modo uma invenção deles, moldada pelas suas necessidades e desejos»²⁶.

²⁴ Id., p. 436

²⁵ PEREIRA J. F., PEREIRA P. (eds.) (1989), *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*, Presença, Lisboa, pp. 277 e ss.; FRANÇA J. A. (1977), *Lisboa Pombalina e o Iluminismo*, Bertrand, Lisboa, pp. 84 e 89-90.

²⁶ BURKE P. (2014), *O Renascimento*, Ed. Texto&Grafia, Lisboa, p. 65 (2.^a ed.)

A representação da cidade de Turim chegou portanto a Lisboa muito antes do terramoto e do estudo urbanístico de Manuel da Maia. As viagens e a sua narrativa, para além de se integrarem no campo das relações interculturais, constituem-se ainda como «espaço fértil na construção, perpetuação ou redescritção de representações» porque elas próprias convocam uma presença intensa de imagens²⁷.

«De tarde saímos com o Padre Richelmi, e fomos dar um passeio por Turim Novo»²⁸: ruas largas e formosas, a praça de São Carlos, as vistas para a cidade, a cidadela. Visitaram o jardim do Príncipe de Carinhano mas também a Academia, com a sua arquitetura belíssima, onde são recebidos «cavalheiros moços» de todas as partes da Europa para aprender as artes «cavalheirescas», ou seja, as artes mundanas e os exercícios nobres. Visitaram o palácio de Madame Real, Maria Joana Baptista de Saboia-Nemours (Paris, 1644-Turim, 1724), irmã da rainha de Portugal, Maria Francisca Isabel de Saboia-Nemours (Paris, 1646-Lisboa, 1683)²⁹. Apreciaram os seus ricos interiores, os tetos, os pavimentos, os adornos, os costumes da corte. A Capela do Santo Sudário é naturalmente visita obrigatória, visto que a experiência religiosa é tida como particularmente importante na viagem à Itália.

A audiência com Madame Real durou mais de uma hora, passeando juntos e «fallando em coisas de Portugal; e quando falou em sua irmã, a nossa Rainha D. Maria Francisca Isabel, se lhe humedecêrão os olhos». Visitou o Colégio dos Nobres, construção ainda por acabar, e o palácio do Duque. Viu com particular agrado a galeria onde estavam os brinquedos de guerra com que os príncipes

²⁷ OUTEIRINHO M. de F. (2010), *Albert T'Serstevens, Olivier Rollin e Max Albau em Portugal: aproximações a um país*, in "Revista do CITCEM", n.º 1, p. 221.

²⁸ BNP, Cod. 541, p. 427.

²⁹ Sobre as relações entre Portugal e Saboia ver LOPES M. A., RAVIOLA B. A. (eds.) (2012), *Portugal e o Piemonte: a casa real portuguesa e os Sabóias. Nove séculos de relações dinásticas e destinos políticos (XII-XX)*, Imprensa da Universidade de Coimbra.

devem brincar, «industriosa politica para se não criarem Principes timidos, frouxos e efeminados»³⁰. Ao visitar a Cidade de Turim e ao falar com o seu governador, recordou o valor com que ela foi defendida dos franceses poucos anos antes. Franceses que em 7 de Setembro de 1706 se viram obrigados a abandonar o cerco posto a Turim, não deixando o viajante, ao recordá-lo, de fortalecer alianças e alinhamentos políticos. Convocado por Madame Real para uma segunda visita de despedida, onde mais uma vez tiveram uma longa conversa de hora e meia, por ela lhe foi oferecido um livro sobre a Rainha sua irmã, enviou um «largo recado, cheio todo de grande estimação», para o Duque de Cadaval e «disse muito do amor que tinha aos Portuguezes». Serviu-se chocolate, para mais amável conversação e comunhão³¹.

Depois dos costumados presentes, oferecidos pelos companheiros da sua Ordem, saiu de Turim, continuando viagem rumo a Lisboa, via Génova e Barcelona. De Génova, em 16 de Julho de 1712, envia o Padre Sousa ao seu grande amigo, conde de Assumar, embaixador em Barcelona junto a Carlos III, uma carta, missiva onde faz um balanço da viagem: «Aqui me acho tendo concluída a minha peregrinação de Itália», e informa em traços largos rotas e tempos de estadia nas principais cidades. Sempre informado (com informações enviadas de dentro e de fora da Itália), queixa-se da falta de notícias de Portugal e de Roma, por não ter recebido cartas dos seus amigos, e conta que são vários os discursos que na Itália correm sobre as «Pazes» da guerra da sucessão de Espanha. Lembre-se que nesta guerra Portugal e a Saboia estavam do mesmo lado, em aliança com a Inglaterra, a Áustria e a Holanda. Comenta com o seu amigo que Portugal sabe

³⁰ BEM T. C. de (1792-1794), T. I, p. 438. Esta consideração não está presente no texto de Avelar, mas pelo que conhecemos de Manuel Caetano de Sousa é muito provável que constasse do texto original.

³¹ Ver, para as anteriores relações entre Madame Real e Portugal, LOPES, M. A., RAVIOLA, B. A., op. cit.

tão pouco fazer valer os seus interesses que foi necessário todo o crédito que obteve para não duvidarem dos feitos dos portugueses na guerra, nomeadamente a ocupação de Madrid por um general português que governava em chefe o exército. E remata:

«Em Portugal não querem crer que se os nossos pinceis nos não retratarem havemos de aparecer mui desfigurados pelos estrangeiros. Eles vão preocupando o Mundo com as histórias escritas a seu modo, e quando sahirem as nossas (se sahirem) serão tidas por fábulas»³²

Encurta a carta porque de Génova, diz, vai escrever também «para toda a Itália». Esta consciência da falta de informação que no estrangeiro se tem de Portugal e da sua história, adquirida em Itália, vai perdurar no regresso a Lisboa. Frequentando há muito as academias da capital e a corte, muitas vezes conselheiro político de D. João V, e estando o rei consciente de «a pouca notícia que o mundo tem das Historias de Portugal», entre ambos nasceu o projeto da Academia Real da História Portuguesa, instituída oficialmente em 8 de Dezembro de 1720³³.

Tal como António Rodrigues da Costa (presente também na Academia Real), Manuel Caetano de Sousa está no centro de uma rede de letrados com enorme experiência cosmopolita e influência política. Entre outros vários cargos que exerce, é membro do Conselho de Estado. Da Academia Real sairão obras magníficas enviadas para toda a Europa, nomeadamente Itália, numa demonstração da interação das imagens e das influências. Os viajantes, ao narrarem o movimento (seja a narrativa oral ou escrita), vão

³² BNP, Cod. 8546, p. 52.

³³ MOTA I. F. da, *A Academia Real da História. Os intelectuais, o poder cultural e o poder monárquico no séc. XVIII*, Edições Minerva, Coimbra, pp. 29-44.

representando os espaços, tornando-os atuantes através da sua representação.

3. Viagem, livrarias e universidades

Em 1750 parte, em viagem à Itália, ainda muito novo, um futuro letrado e político português – Manuel do Cenáculo –, que viria a deter uma significativa influência na obra do governo (1756-1777) do Marquês de Pombal, poderoso ministro de D. José I, particularmente nos aspetos relativos à cultura e às instituições culturais. A forte imagem que do governo de Pombal chegou à Itália faz-nos pensar, mais uma vez, numa dupla hélice de repercussões e retornos culturais que, mais do que somente a da Itália ou a de Portugal, modelou, com as suas infinitas variações, uma cultura das Luzes europeia³⁴.

Uma imagem do governo de Pombal e da sua queda chega a Turim, nomeadamente através das Cartas do ministro piemontês em Lisboa, que nelas comenta a sua obra política. Aí refere os «bons établissements faits pour tirer le pays de la léthargie où la superstition l'avait plongé»³⁵, lamentando, na posterior queda do ministro, qualquer ataque praticado contra a Universidade de Coimbra. Resumindo com as palavras de Franco Venturi, «viva si fece, particolarmente in Italia, la discussione sull'opera di Pombal»³⁶. Justamente um dos pensadores e executores da obra de Pombal, nomeadamente da reforma da Universidade de Coimbra, é Manuel do Cenáculo, que visita, como dissemos, a Itália, ainda jovem, em 1750, avaliando aí as respetivas universidades.

³⁴ Ver VENTURI F. (1984), *Settecento riformatore*, IV volume, T. I, *I grandi stati dell'Occidente*, Einaudi, Torino, capitolo terzo (Il Portogallo dopo Pombal. La Spagna di Floridablanca).

³⁵ Ver Id., p. 205.

³⁶ Id., p. 214.

Estávamos, em Portugal, no início do reinado de D. José I, Muratori tinha acabado de publicar (1749) a obra *Della pubblica felicità oggetto dei buoni principi*³⁷ e no périplo de Cenáculo destacam-se, para além de Roma, as cidades de Turim e Bolonha.

Cenáculo vai à Itália acompanhando Frei Joaquim de São José³⁸. Frei Joaquim é religioso da Ordem Terceira de São Francisco e mestre de Filosofia no Colégio de São Pedro em Coimbra. Tendo sido eleito e enviado ao Capítulo geral da Ordem realizado em Roma em 1750, faz-se acompanhar do jovem Manuel do Cenáculo, enquanto seu amigo e, de alguma forma, também seu secretário. Da narrativa da viagem deixamos de lado aspetos interessantíssimos, como a experiência das práticas do quotidiano nas zonas e países por onde passa, nomeadamente quanto a alimentação, instalações das estalagens, comodidade das camas, vestuário. Ou as considerações sobre o meio natural e físico. Também Frei José demonstra que não basta viajar, é preciso saber viajar e confrontar, para que daí nasça verdadeiro conhecimento, através da experiência.

Embora o manuscrito seja apenas, nas palavras do autor, um «bordão de memória» e «obra de estalagens», que servirá de base a posteriores relatos aos amigos e portanto com informações breves e por vezes algo secas, nele a atenção dada a Turim e a Bolonha avulta, até por comparação com outras grandes cidades visitadas. De Turim diz que não espera ver cidade mais bela e entra em Bolonha «com grande gosto e empenho de ver esta cidade e universidade». Sendo ambos os viajantes docentes num colégio de elite adjunto à

³⁷ Ver RICUPERATI, G., op. cit., p. 17, nota 42.

³⁸ A transcrição do Diário que Frei Joaquim deixou desta viagem, acompanhada do respetivo estudo e notas, foi publicada por CABRAL M. L. (2011), *Até Roma: uma viagem com devoção, longa e árdua. Diário de Frei Joaquim de S. José em 1750*, Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa. O manuscrito, *Diário do R.mo P. M. Doutor Fr. Joaquim de S. José na jornada que fez ao Cap.º Geral de Roma em 1750*, encontra-se na Biblioteca Pública de Évora, com a cota BPE Cód. CV1-10d.

Universidade de Coimbra, não admira estarem tão curiosos e terem um especial interesse relativamente a instituições universitárias.

Em 8 de Abril de 1750 chegam a Turim, depois de terem atravessado o Delfinado e entrado na Saboia. Admiraram as terras agrícolas do Delfinado, as feiras e as estalagens, e maravilharam-se com a cidade de Grenoble. Ao entrar na Saboia recordaram com afeto a sua história recente, as suas lutas com os espanhóis e a recentíssima aliança matrimonial entre as duas casas. Admiraram a presença de mulheres com livros numa procissão de Lanslebourg, especialmente por terem sido informados que, mesmo sendo «serranas criadas e nascidas entre montes de neve», sabiam ler francês e latim. Notaram ainda como «na Sabóia e na França andam as mulheres em corpo sem manto: todas calçadas de meias e sapatos, por mais pobres que sejam, assim na França, como em Sabóia»³⁹. Olhos bem abertos, experiências vivas da diferença e enriquecedoras (embora, mais à frente, faça notar que nessa tarde já viu saboianas descalças em povoados pobres).

Em Novalesa, segundo diz, há a primeira aduana do Piemonte, «onde muito bem mexeram e remexeram nossos baús e alforges e nos deram escrito do revisto mas sem custo algum pecuniário. Os Alpes dividem Sabóia do Piemonte, mas uma e outra província é de El-Rei de Sardenha». Seguem por estrada deliciosa, diz, que de Villa de Rivoli a Turim é ladeada de frondosas árvores e casas de campo de senhores, com seus jardins e quintas. Cruzam-se na hospedaria de *Bove Ruço* com a equipagem régia que ia encontrar-se ao caminho com a Infanta de Castela, noiva do Duque de Saboia, filho do Rei da Sardenha, e deslumbram-se perante Turim, «a qual corte é muitas vezes linda, nem espero ver cidade mais pulcra, nem mais grata à vista pela bizzarria dos edifícios, correspondências das

³⁹ CABRAL M. L., op. cit., p. 126.

ruas, palácios, casas, janelas, telhados, etc.»⁴⁰. A vivência de uma arquitetura nova, toda ela criadora de sentidos diversos, causa o seu impacto.

Descreve em seguida as belas praças e ruas e, de imediato, a Universidade de Turim. Da instituição fica a conhecer não apenas a apreciável arquitetura, mas sobretudo a orgânica interna, os cursos ministrados e, mais ainda, as matérias lecionadas: «em matérias de Física, todos são modernos, cartesianos, etc.». Junta à Universidade a visita aos palácios, que descreve brevemente, e ao Santo Sudário e remata: «a gente é mais afável e devota que na França (segundo me parece) e mais reverente para os religiosos, com benignidade para os estrangeiros»⁴¹.

Não deixa em claro referência à grande cidade de Milão, aos seus edifícios de bela arquitetura «e preciosidades muitas, muitas que não posso descrever»⁴². Seguem-se Módena e Bolonha. Em Módena, faz menção, de novo, às mulheres suas naturais. Tal como os estrangeiros que visitam Portugal notam e referem os costumes particularmente rígidos e austeros das mulheres das elites portuguesas, também Frei Joaquim observa, mas com muito agrado, costumes diferentes em Itália, comparando-os com os portugueses e usando, para estes, um tom crítico. As mulheres em Módena já trazem mantilhas em vez do pesado manto, tradicional em Portugal, e as senhoras não necessitam, para sair, do acompanhamento de uma criada, o que, diz, só no pensamento das portuguesas é indispensável. A necessidade de usarem saias pretas, quando já levam manto, também só se verifica em Portugal, porque tanto em Madrid como em Itália as senhoras vestem saias das cores que querem.

⁴⁰ Id., p. 128

⁴¹ Id., p. 129.

⁴² Id., pp. 131-133.

A atenção prestada e a consciencialização dos factos que a respetiva escrita permite é, na verdade, altamente significativa. Os costumes começarão a mudar em Portugal justamente a partir da segunda metade de setecentos e a tornarem-se menos austeros para as mulheres. Em 17 de Abril entram em Bolonha com o vivo propósito de ver a cidade e sobretudo a Universidade:

«De tarde fomos ver a Specula e o Instituto de Bolonha... e confesso ser uma das cousas mais notáveis que tenho visto nesta jornada de tão diversos países. A Specula é o que significa uma torre *de per cosi*: 30 degraus de altura onde estão instrumentos matemáticos para as observações desta ciência. O Instituto é um claustro quadrado que se compõe de muitas casas nas quais estão distintamente as cousas pertencentes a cada uma das Artes e Ciências»⁴³.

De seguida vem logo a enumeração: arte militar e engenharia; duas ou três salas para a anatomia, «com variedade de corpos humanos e monstros» e muita outra variedade de animais; numismática; matemática, com tudo o que se pode desejar; cirurgia; pintura; náutica – «enfim um compêndio do mundo todo e todos seus inventos e máquinas». Só a livraria não lhe causou admiração. Explica que neste Instituto fazem os professores das Artes e seus alunos conferências, havendo prémios para os melhores: «isto é complemento da Universidade de que amanhã darei notícia». Escreve assim, no dia seguinte: «Fui ver a Universidade; é boa no material e no formal melhor porquanto nela se ensinam todas as ciências e línguas, excepto Ler e Gramática que ficam para os Padres da Companhia. A Náutica Bélica, Optica, etc. se conferem no Instituto». De facto, na Itália e segundo G.. Ricuperati,

⁴³ CABRAL M. L., op. cit., p. 136.

«Il primo Settecento era stato percorso da alcuni intensi progetti intellettuali, che riguardano direttamente o indirettamente una profonda volontà di mutamento delle tradizioni educative... Tutta l'opera di Muratori a partire dai *Primi disegni* non solo individuava i docenti come possibili interlocutori, ma presupponeva profonde riforme scolastiche che toccassero tutti i rami dell'istruzione, da quello elementare a quello secondario fino all'università»⁴⁴.

A instrução deveria, segundo a última obra de Muratori, *Della pubblica felicità*, tornar-se tarefa do Estado. É ainda Ricuperati que conclui: «Le riforme scolastiche di Vittorio Amadeo II dovevano restare per oltre un trentennio una sfida non solo per gli spazi italiani, ma per la stessa Europa»⁴⁵. É com a Universidade de Turim, reformada por Vítor Amadeu II, isto é, com um novo modelo de organização e novos planos de estudos, que Frei Joaquim e Manuel do Cenáculo se confrontam e sobretudo confrontam a sua experiência do ensino em Coimbra. Deste confronto tiraram certamente fortes ilações.

Teve ainda ocasião para mais contactos e informação, no Convento de Aracoeli, em Roma, onde estavam todos os capitulares que tinham ido ao Capítulo da Ordem. Tanto os capitulares como muitos dos seus companheiros eram «homens de letras», muitos escritores e/ou Mestres, «dos quais todos, se compunha um bellissimo congresso doutíssimo»⁴⁶. Em última análise, de facto, trata-se de uma reunião de cultura europeia. Sobre a imagem de Portugal na cúria romana Frei Joaquim afirma:

⁴⁴ RICUPERATI G., op. cit., pp. 19-20.

⁴⁵ Id., p. 20.

⁴⁶ CABRAL M. L., p. 153.

«Bem poderá este nosso Reino com pouco custo adquirir grande nome e crédito na Cúria Romana pois é certo ter nela dispendido muito e vale por ora lá pouco: mas se eu não sou Estadista, nem Conselheiro de Estado, que me importa discorrer nesta matéria?»⁴⁷

Pergunta premonitória, não para o próprio Frei Joaquim, que a passa a escrito, mas para o seu companheiro, que virá a ser em breve estadista e conselheiro político do ministro todo-poderoso Sebastião de Carvalho e Melo, Marquês de Pombal (este sim, com grande repercussão política na Itália).

As preocupações com o modelo de educação em prática na sociedade portuguesa existiam desde há muito – basta lembrar Verney, Luís da Cunha, Martinho de Mendonça, etc. – mas depois da intensa luta ideológica, conduzida pelo próprio Pombal, contra os Jesuítas e da sua expulsão, em 1759, é criada a Real Mesa Censória em 1768. Nela está presente, primeiro como deputado e depois como presidente, Frei Manuel do Cenáculo. Esta instituição, com grandes poderes atribuídos, exerce a sua ação nos domínios da censura de livros e de «toda a administração e direcção dos Estudos das Escolas Menores destes Reinos e seus Domínios, incluindo O Real Colégio dos Nobres»⁴⁸, recém-criado. Impunha-se uma nova organização do ensino depois da expulsão dos jesuítas, que até aí eram os agentes dominantes, organização que vai toda no sentido da emergência de um ensino secularizado e controlado pelo Estado. Deste modo, a Real Mesa Censória, ao deter o controlo da censura e do ensino, constituía um órgão fundamental no dirigismo cultural pretendido pelo governo pombalino e pelos seus agentes.

⁴⁷ Id., p. 154.

⁴⁸ Ver Alvará de 4 de Junho de 1771, citado em TORGAL L. R., VARGUES I. N. (1984), *A Revolução de 1820 e a instrução pública*, Paisagem Editora, Porto, p. 21.

A reforma de 1759, que tem como alvo os estudos menores, vai ser complementada com a Reforma da Universidade de Coimbra, em 1772 (a única Universidade do país, depois da desativação da Universidade jesuítica de Évora). Anteriormente, e com o mesmo sentido cultural, tinha sido criado o Colégio dos Nobres (1761).

O organismo que tutelou a Reforma da Universidade de Coimbra foi a Junta de Providência Literária, presidida pelo próprio Marquês de Pombal, e nela voltamos a encontrar, como importante conselheiro, frei Manuel do Cenáculo. Esta reforma universitária tem, como orientação, diretrizes regalistas, jusnaturalistas e fortemente experimentalistas, com novos métodos e novas faculdades, a de Matemática e a de Filosofia (Natural) – para os quais foram criados os respetivos apêndices experimentais: Gabinete de Física Experimental, Laboratório Químico, Jardim Botânico, Observatório Astronómico, Museu de História Natural e Teatro Anatômico. A velha instituição sofre, assim, a interferência direta do Estado – que lhe dá um carácter régio e público –, servindo os seus objetivos. Uma das figuras centrais na política cultural do poderoso ministro, Manuel do Cenáculo acumula cargos – censor, conselheiro da junta, precetor do príncipe herdeiro da Coroa e um dos pedagogos do regime.

As críticas ao ensino ministrado na Universidade de Coimbra por portugueses ilustrados eram já antigas, e Manuel do Cenáculo, estudante e depois professor em Coimbra, provavelmente conhecia-as, mas o descentramento e relativização que a viagem a Itália lhe proporcionou, para além da recolha de informação útil, terá sido certamente muito importante, como, aliás, ele próprio afirma: «as famosas Bibliotecas, que se apresentaram à nossa curiosidade nas cidades eruditas da nossa passagem, levantaram milhares de ideias que se começaram a produzir, como o tempo ia permitindo»; ou «quero discorrer, segundo o que vi na peregrinação por alheias

academias»⁴⁹. Manuel do Cenáculo irá estar também nas origens da Biblioteca Pública da Corte⁵⁰.

Estes descentramentos e estas ruturas dizem respeito tanto à esfera das práticas quanto à das ideias e das representações. Nesse sentido, o contacto com «o modelo piemontês» foi certamente importante. Nestas viagens reconstroem-se modos de ser e de conhecer que reorganizam perceções do mundo e dos outros. É portanto extremamente produtivo concentrarmo-nos, mais do que nos textos e relatos de viagem, na análise da função do viajante relativamente à história das sociedades.

4. Viagem, ciência e “felicidade pública”

José Francisco Correia da Serra, nascido em Portugal, em 1751, parte para Itália, com a família, em 1757. Instalando-se primeiramente em Roma, a família muda-se, em 1760, para Nápoles e o jovem cedo começa a fazer-se notar nos seus estudos. A sua formação em Nápoles foi profundamente influenciada pelo Abade Genovesi, com quem privou de muito perto, e também por Luís António Verney, erudito português residente em Itália. Segundo G. Ricuperati, «congli anni Sessanta muta la geografia culturale degli spazi italiani»⁵¹. Entre os polos de referência está Nápoles. Aí se procurava desenvolver uma universidade dirigida às disciplinas experimentais e às ciências naturais e Correia da Serra, então com apenas dezasseis anos, expõe num texto de estudante intitulado *Metodo dei Studii*, um plano de estudos que engloba ciência política, economia, matemática, filoso-

⁴⁹ Ver citações em CABRAL M. L. (2014), *A Real Biblioteca e os seus criadores*, Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa, pp. 130 e 131.

⁵⁰ Ver id, op. cit.

⁵¹ RICUPERATI G., op. cit., p. 23.

fia e metafísica⁵². Pensa já, com essa idade, que se para estudar o homem é preciso conhecer as suas ações, os seus desejos e a sua alma, para o estudo da natureza importam o espírito de observação e a experiência. Este programa de estudos será o de toda a sua vida. Mais tarde a influência de Genovesi vai ser determinante também na importância que atribuirá ao desenvolvimento de uma agricultura moderna, tal como nas considerações económicas que desenvolve e respetivas consequências políticas.

Transferido para Roma, estuda botânica com o Padre Giovanni Maratti e faz vários amigos entre naturalistas europeus, trocando informações e experiências. Inicia então também a sua correspondência com Lineu. Em 1774, Correia da Serra faz com Jean Demeste, futuro médico belga, uma viagem ao longo da costa ocidental da Itália. Desta viagem deixou-nos um diário manuscrito, onde registou as suas observações, intitulado *Journal d'une Course en Avril 1774. Avec Mr. Demeste*⁵³. A viagem dura vinte dias e o seu percurso levou-os de Roma a Palo, Civitavecchia, Aluniere e às planícies de Tolfa, a Corneto, Livorno, Pisa e Porto Ferrajo. O diário é simultaneamente um caderno de notas de um trabalho de campo e um relato literário da viagem.

Este estudo de campo tem como particulares interesses a botânica, a geologia e a história. Para Correia da Serra o estudo do homem e da natureza são indissociáveis. Esta ideia, presente desde a sua formação juvenil, caracterizará também indelevelmente a Academia Real das Ciências de Lisboa, onde marcou presença desde as suas origens e onde veio a ser figura preponderante e Secretário da

⁵² Arquivos Nacionais da Torre do Tombo (ANTT), Manuscritos de Correia da Serra (MCS), A 10, *Metodo dei Studii*. Ver também SIMÕES A., DIOGO M. P., CARNEIRO A. (2006), *Cidadão do Mundo. Uma biografia científica do Abade Correia da Serra*, Porto Editora, Porto, p. 21.

⁵³ ANTT, MCS, A 15. Ver transcrição em SERRA J. C. da (2003), *Itinerários Histórico-Naturais*, Porto Editora, Porto (eds. Simões A., Carneiro A., Diogo M. P.)

instituição. A Academia virá assim a constituir-se como espaço de articulação entre a ciência, a cultura e a política. Segundo Correia da Serra, a história mostra «os modos de ver, de discorrer, e de de-sejar» dos povos, e para a constituição desse modo de ser contribui também poderosamente a história natural do povo e da região⁵⁴.

Deste modo, no diário da viagem convivem impressões pessoais com rigorosas observações científicas e considerações económicas, lado a lado com a descrição das paisagens tanto geológicas como humanas. A experiência da viagem é plena de curiosidade e de vivacidade, sensível às surpresas estéticas, analisando estruturas sociais e organizações económicas, observando as pessoas, os seus hábitos e tradições. Rejubilando ao encontrar plantas desconhecidas ou minerais que nunca tinham observado. Os recursos minerais existentes e as antigas e novas explorações mineiras são do seu particular interesse, estando aliás a lupa sempre à mão.

A dissecação de «seres vivos muito simples» e a análise química das águas minerais também fazem parte do programa da viagem. É, pois, uma aventura pessoal e pré-romântica que combina a expedição científica, a caminhada naturalista e a curiosidade etnológica. Experiência pessoal que se reforça na intimidade da escrita do seu diário.

A atenção especial aos recursos mineralógicos e às atividades mineiras traduzem-se em inúmeras anotações, como a seguinte, tomada nos arredores de Village des Alumiere:

⁵⁴ Cf. SERRA J. C. da (1789), “Discurso Preliminar”, in *Memórias Económicas da Academia Real das Ciências de Lisboa, para o adiantamento da Agricultura, das Artes, e da Indústria, em Portugal, e suas Conquistas*, (direcção de José Luís Cardoso, Lisboa, 1990) Tomo I, pp. 9-11 e “Discurso Preliminar” (1790), in *Collecção de Livros Ineditos de Historia Portugueza*, Oficina da Academia Real das Sciencias de Lisboa, Tomo I, pp. VII-XI. Ver também MOTA I. F. (2014), *Portugal e o governo das paixões. História e política em António Caetano do Amaral*, in “Revista Portuguesa de História”, t. XLV, pp. 609-628.

«Les mines sont cinq, S. Guglielmo, que nous avons particulièrement examinée, S. Egidio, S. Clemente, S. Francisco, S. Lorenzo, ces trois sont les moins riches, les ouvriers sont des mineurs de la Tolfa fort ignorans subordonnés a dix travailleurs Piemontois assez instruits ce sont eux qui conduisent toute l'affaire»⁵⁵.

De regresso a Civitavecchia e depois de se informar sobre o estado da região e do seu comércio, considera a política económica do Estado Papal ruínosa. Comenta que são lançados impostos que só pretendem aumentar as rendas e não favorecer o comércio, e são estabelecidos monopólios estatais que têm como consequência dificultar o mesmo comércio «cuja alma é a liberdade». Como se constata, este gosto pela economia demonstra que as lições do seu tutor, António Genovesi, estavam bem presentes.

Por outro lado, a admiração e a fruição estética do urbanismo de Livorno está em linha com o prazer experimentado, pelos viajantes que atrás referimos, perante cidades como Turim, fruição que se estende por todo o século XVIII. Acompanhada aqui particularmente por um esforço de elaboração de «l'analyse de cette petite ville» – análise da população, do comércio, da escassa manufatura, e da organização económica que não lhe parece de modo algum favorável. Passa de imediato à análise e caracterização geológica dos terrenos sobre os quais está construída a cidade e é justamente a facilidade com que passa das considerações de ordem económica e do conhecimento da atualidade política às descrições geológicas dos lugares que dá a este diário todo o seu encanto. A viagem é a intensificação da experiência científica e antropológica. No diário dessa mesma viagem intensifica-se a experiência pessoal. Segue-se

⁵⁵ SERRA J. C. da (2003), *Itinerários Histórico-Naturais*, op. cit., p. 41.

Pisa, onde «tout donnoit un sentiment de voluptè»⁵⁶, desde as flores usadas em profusão até à arquitetura. Ao lado da expressão do sentimento pessoal, nota também, tal como os viajantes anteriores, a Universidade e os respetivos Jardim das Plantas, Teatro Anatómico, Laboratório Químico, Gabinete de História Natural, etc.

O diário tem como apêndice um índice dos minerais, plantas e animais identificados, com um total de 150 itens⁵⁷.

Em 1777, Correia da Serra regressa a Portugal e é acolhido por Frei Manuel do Cenáculo, viajante objeto de estudo no capítulo anterior e muito admirado por Correia devido à sua obra política. É então convidado pelo Duque de Lafões, homem igualmente viajado e ilustrado, com quem se tinha encontrado em Roma e que estava também de regresso a Lisboa, a residir na capital, no palácio ducal do Grilo. Embora sem especial vocação, Correia da Serra é nessa altura já um eclesiástico, ordenado em 1776, a quem, sob a proteção poderosa do Duque, são concedidas várias tenças de benefícios eclesiásticos, que lhe dão o suporte material, embora modesto, para a sua vida de estudo.

A Academia Real das Ciências de Lisboa nasce então da iniciativa conjunta de Correia da Serra e do Duque de Lafões, D. João de Bragança. Simultaneamente um projeto político e um projeto científico, a Academia é instituída em 1779. No *Plano de Estatutos em que convieram os primeiros Sócios da Real Academia das Ciências, com beneplácito de Sua Magestade*⁵⁸, afirma-se claramente, no artigo I, que a Academia é «consagrada à glória e felicidade pública, para adiantamento da Instrução Nacional, perfeição das Sciencias e das Artes e augmento da industria popular».

⁵⁶ Id., p. 50.

⁵⁷ Id., pp. 57-60.

⁵⁸ Régia Oficina Tipográfica, Lisboa, 1780.

Várias tinham sido as viagens de Correia da Serra, não só na Itália, mas também em Portugal. Por isso, a ciência útil era um dos desígnios mais caros e mais empenhados do Abade, no delineamento do programa da Academia. Para o conhecimento da natureza do Reino e do Império, diz-lhe a sua própria experiência, é necessário não só o conhecimento da sua população e das suas leis através da História, mas também o conhecimento das características naturais do território. É o conhecimento de tudo isto, que compõe a natureza da «nação», que permitirá o seu bom governo. Assim, diz Correia da Serra, em 1789, no “Discurso Preliminar” às *Memórias Económicas da Academia*: «O primeiro passo de uma nação, para aproveitar suas vantagens, é conhecer perfeitamente as terras em que habita, o que em si encerram, o que de si produzem, o de que são capazes. A história natural é a única ciência que tais luzes pode dar»⁵⁹.

No Verão de 1786 tinha feito nova viagem à Itália, demorando até finais de 1787. A caminho de Roma, não deixou, tal como outros portugueses, de passar por Turim, cidade muito cosmopolita e onde se encontrava, como embaixador, D. Rodrigo de Sousa Coutinho. Desde a sua chegada a Turim, em 1779, D. Rodrigo tinha estabelecido laços privilegiados na sociedade turinense e, nomeadamente, com os membros de um internacional corpo diplomático. É Sousa Coutinho que informa oficialmente para Lisboa, em 29 de Novembro de 1786:

«Chegou aqui o Abade Correia, que me apresentou huma carta de recomendação do Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Duque d’Alafoens, à qual dei huma completa satisfação, procurandolhe a honra de ser apresentado à Corte, e de ver todos estes homens de letras, em cujo número há muitos dignos da maior concideração, e respeito. Todos renderão justiça às suas luzes, e posso segurar a V. Ex.^a que elle faz grande honra à sua nação, e que dá justas esperansas de poder serlhe util.

⁵⁹ SERRA J. C. da (1789), “Discurso Preliminar”, in *Memórias Económicas*, op. cit., p. 9.

A Sociedade de Agricultura o agregou ao numero dos seus membros; o mesmo creio fará a Academia das Sciencias, o que certamente hé grande distinção pela dificuldade que há em taes nomeaçõens; e eu não posso deichar de segurar a V. Ex.^a que vi ambas estas publicas declaraçoens do seu merecimento com particular gosto»⁶⁰.

E efectivamente, para além da Sociedade Real de Agricultura, Correia da Serra é nomeado sócio correspondente da Academia Real das Ciências de Turim, classe «di Scienze fisiche, matematiche e naturali», a 30 de Novembro de 1786⁶¹. Para este sucesso contribuiu também, certamente, o conhecimento que tinha adquirido sobre o território italiano. Por esta mesma altura (anos 1786 e 1787), James Edward Smith, primeiro presidente da Linnean Society, encontra-se em Turim com Sousa Coutinho e da convivência entre ambos escreve mais tarde:

«à mesa [de Sousa Coutinho] reunia-se semanalmente uma assembleia de literatos, nas conversas e actividades dos quais participava de forma muito inteligente, o que o tornava realmente um do grupo, não só pelos seus conhecimentos e entusiasmo como pela sua afabilidade contagiante»⁶².

Apelida-o então de «mecenas da botânica» e nomeia-o, mais tarde, membro da Linnean Society. Desses tempos perduraram as saudades das conversas cruzadas entre os três: «trocava muitas outras coisas pelo doce prazer de vos visitar em Norwich com o Abade Correia

⁶⁰ ANTT, MNE, Legação Turim, caixa 863, of.º n.º 50 de 29.11.1786, in M-DINIZ SILVA A. (2002), *Portrait d' un homme d' État: D. Rodrigo de Souza Coutinho, Comte de Linhares (1755-1812)*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, vol. I, p. 190.

⁶¹ Ver <http://www.academiadellesienze.it/accademia/soci/jose-francisco-correa-de-serra>. Acedido em 15/6/2017.

⁶² SMITH, J. E. (1793), *Sketch of a Tour on the continent in the year 1786 and 1787*, Londres, citado em Simões A. *et al.*, *Cidadão do Mundo*, op. cit., pp. 66-67.

e discutir sobre ciência», escreve Coutinho a Smith⁶³. Para além de muito bem visto na Corte, onde era recebido com elegância e privilégio, D. Rodrigo tinha também relações estreitas com as elites intelectuais de Turim, nomeadamente na Academia Real das Ciências, que frequentou. Ele assinalou frequentemente, em memórias e correspondência, o valor de alguns dos seus membros (entre os quais fez verdadeiros amigos), como os irmãos Michelotti, o cavaleiro Napion, o cavaleiro Robilant, o Abade Caluso, etc⁶⁴.

G. Ricuperati confirma, referindo, para os anos Oitenta, uma mudança da geografia intelectual: Turim «era ormai a pieno titolo un significativo centro di cultura scientifica e umanistica, mentre la sua Accademia delle Scienze affiancava le consorelle europee, Parigi, Berlino, San Pietroburgo»⁶⁵. E, na verdade, «le speranze e le inquietudini degli anni Ottanta», nas palavras de G. Ricuperati⁶⁶, eram vividas também por Rodrigo de Sousa Coutinho e por Correia da Serra. Em 1789, depois da viagem a Roma de Correia da Serra e da sua produtiva estada em Turim, aumenta significativamente a entrada de estrangeiros na Academia das Ciências de Lisboa e aumentam também as sociedades científicas a que o próprio Abade pertence⁶⁷. Tudo isto, podemos imaginar, potenciado pelos contactos e sociabilidade levada a cabo em Itália, muito particularmente em Turim. Aliás, alguns dos novos admitidos pertencem ou virão a pertencer também à Academia de Turim.

⁶³ LADY Smith (dir.) (1831) *Memoir and Correspondence of the Late Sir James Smith, M. D.*, Londres, vol. 2, pp. 218-219. Carta de Rodrigo de Sousa Coutinho a Smith, 22 de Novembro de 1797.

⁶⁴ Ver M-DINIZ SILVA A. (2002), *op. cit.*, vol. I, p. 196.

⁶⁵ RICUPERATI G., *op. cit.*, p. 35. Ver também FERRONE V. (1987), *La Nuova Atlantide e i Lumi. Politica e scienza nel Piemonte di Vittorio Amedeo III*, Meynier, Torino.

⁶⁶ RICUPERATI G., *op. cit.*, p. 334.

⁶⁷ A data de publicação do número do *Almanach* com a informação é de 1789, mas a informação deve ter sido dada até julho de 1788. Ver *Almanach de Lisboa*, Lisboa, Off. da Academia Real das Sciencias, 1785-1823, particularmente o vol. de 1789.

Para além dos já presentes Jean Demeste, Marquês de Aoust e abade Jacinto Ceruti (erudito piemontês) – todos fazendo parte da rede epistolar de Correia da Serra – constam também da lista dos sócios de 1789 os recém-entrados A. L. de Jussieu (Ac. das Ciências de Paris), Jean Bernoulli (Acs. de Paris, Berlim, etc.), José Banks (Sociedade Real de Londres), L. de la Grange (Acs. de Paris, Berlim, Londres, Stockolm, Petersbourg e Turim), Marquês de Condorcet (Acs. de Paris, Turim, etc.), Peter Simon Pallas (Ac. De Petersbourg). Em 1791 acrescentam-se à lista de estrangeiros James Edward Smith e Abraham Kaestner, entre muitos outros, numa rede que cobria a Europa. Da lista de correspondentes do Abade Correia faziam parte ainda Johan-Jacob Ferber e Domenico Dioclati (Nápoles)⁶⁸.

Tal como os viajantes anteriores, o Abade não descurou também, no decorrer da viagem, as livrarias que encontrava. Eram examinadas cuidadosamente, nomeadamente apontando a presença de manuscritos portugueses e tudo o que pudesse aproveitar à prosperidade da Academia das Ciências portuguesa⁶⁹. De regresso a Lisboa, em Dezembro de 1787, é quase imediatamente nomeado Secretário Perpétuo desta Academia. A agenda utilitária da Academia é delineada por Correia da Serra⁷⁰ e, nesse sentido, no “Discurso Preliminar” às *Memórias Económicas* (1789), destaca o papel da sua instituição no «propagar as luzes» e na prosperidade da nação ao contribuir com trabalhos no âmbito das ciências naturais, exatas e históricas para o «bom governo» dos povos. Nomeadamente, considera urgente,

⁶⁸ Ver SIMÕES A. *et al.* (2006) e TEAGUE Michael (1997) *Abade José Correia da Serra. Documentos do seu arquivo (1751-1795)*, Fundação Luso-Americana, Lisboa.

⁶⁹ «Depois de comunicar à Academia em sucessivas sessões quanto podião subministrar á sua prosperidade as observações que tinha feito sobre o estudo das letras nos paizes que acabava de visitar [Itália, Espanha e França], comunicou-lhe os apontamentos que havia extrahido das referidas livrarias, acompanhados das necessárias illustrações», cfr. COSTA e SÁ M. J. M. da (1848), *Elogio histórico de José Correia da Serra*, in “Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa”, 2.^a série, t. II, Parte I, p. XIV).

⁷⁰ SIMÕES A. *et al.* (2006), p. 36.

em particular, racionalizar a agricultura, pensamento este sempre acompanhado por visitas de campo e deambulações científicas, e pelo entendimento de que a descrição física e geológica do território é o primeiro passo para a compreensão da História de Portugal. Da Academia partiram então vários sócios para pesquisar documentos inéditos em cartórios e arquivos portugueses e espanhóis. No mesmo sentido, Correia da Serra deu apoio e acompanhou o percurso de estudantes portugueses enviados pela Academia para formação fora do país. Entre eles contava-se José Bonifácio de Andrade e Silva⁷¹.

Correia da Serra tem fortíssimas ligações a uma República das Letras internacional, fazendo parte de inúmeras Academias e sociedades científicas por toda a Europa e Estados Unidos da América. O seu espírito liberal e os valores da república das Letras levam-no a acolher e proteger em Lisboa, nas próprias instalações da Academia das Ciências, Pierre-Marie-Auguste Broussonet, que em Julho de 1794 é obrigado a sair de França devido às suas atividades e simpatias girondinas. A desconfiança política relativamente às ideias liberais e ligações internacionais de Correia da Serra aumenta drasticamente e este vê-se obrigado a exilar-se em Londres em 1795. É aí, por sua vez, protegido pelos naturalistas estrangeiros e especialmente os ingleses. Participa ativamente na rede local de eruditos e naturalistas, relacionando-se particularmente com Joseph Banks, presidente da Royal Society, e James Edward Smith, primeiro presidente da Linnean Society, sociedades científicas para as quais o Abade foi eleito, entre inúmeras outras. Também Joseph Banks e James Edward Smith são, por seu turno, sócios da Academia das Ciências de Lisboa, testemunhando assim de uma organização em rede que cobria a Europa.

⁷¹ ANTT, MCS, B50. Carta de José Bonifácio a Correia da Serra, enviada de Friburgo em 1792. Ver também SIMÕES A. *et al.* (2006), pp. 55-57 e o texto de Júnia Ferreira Furtado neste volume.

Correia da Serra continua a receber notícias dos amigos da Academia das Ciências de Lisboa, mas a correspondência que mais nos interessa é com D. Rodrigo de Sousa Coutinho. Transferido de Turim para Lisboa, este último ocupa agora, em 1796, o cargo de Secretário de Estado da Marinha e Ultramar, e, posteriormente, os cargos de Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e Secretário de Estado dos Negócios da Fazenda. O antigo diplomata em Turim alimentava as esperanças e ambições de sempre, mantendo e renovando antigos projetos de reformas económicas para Portugal e Brasil. Rodeou-se então de eruditos portugueses e brasileiros, alguns dos quais, nas respetivas viagens, tinham passado por Turim, como é o caso de José Bonifácio e de Correia da Serra.

Correia aconselha Sousa Coutinho sobre vários assuntos e, sobretudo, envia-lhe de Londres remessas e informações variadas, nomeadamente instrumentos e materiais diversos de cariz científico ou outros, servindo deste modo as intenções políticas do ministro. É também em Londres que reforça a sua participação na «República Científica» internacional, com publicações nas *Philosophical Transactions of the Royal Society* e nas *Transactions of the Linnean Society*. Embora conseguindo um lugar na Delegação Diplomática em Londres, Correia da Serra, devido a intrigas e perseguições, exila-se de novo, desta vez em Paris.

Em Paris, mais uma vez, alarga a sua própria rede no contexto mais geral da comunidade científica internacional. Torna-se então amigo de Lafayette, Humboldt, Candolle, Dupont de Nemours, Jussieu, Cuvier e la Mettrie. Frequenta o Jardin des Plantes e convive com os naturalistas, torna-se ele próprio um nó de ligação na rede científica internacional, particularmente entre botânicos e naturalistas. O seu papel de mediador vai prosseguir nos Estados Unidos da América, país onde o vão levar as novas circunstâncias políticas europeias. As invasões francesas a Portugal interrompem as relações diplomáticas entre os dois países. A Corte portuguesa transfere-se

para o Brasil e em 1811, aquando da terceira invasão a Portugal, provavelmente em dificuldades ou descontente com a nova ordem napoleónica⁷², Correia da Serra – seja pelos amigos americanos que fizera em Paris, seja por simpatia política pela jovem república – transfere-se também para os Estados Unidos.

Chega em 1812 a Filadélfia já com uma reputação internacional, inserindo-se particularmente bem entre as elites intelectuais e científicas locais. Muito admirado, em 1813 torna-se particular amigo de Thomas Jefferson, frequentando a sua casa de Monticello com muita assiduidade. Na verdade, Correia da Serra ajudou poderosamente a comunidade de naturalistas americanos a estabelecer a sua rede de relações com a Europa, num processo de mediação entre ideias, métodos e pessoas, promovendo designadamente a correspondência entre americanos e europeus e lecionando cursos de botânica na American Philosophical Society. Em 1816 é nomeado embaixador plenipotenciário do “Reino Unido de Portugal, do Brasil e do Algarve”⁷³ nos Estados Unidos. A política nacional e internacional sempre o tinha interessado, não é pois de estranhar este seu derradeiro cargo diplomático.

Com Jefferson partilhava o projeto «de uma ordem internacional renovada no continente americano, a partir de Washington e do Rio de Janeiro»⁷⁴, onde agora se encontrava o centro da monarquia Portuguesa. Embora reiterando a «mais perfeita e inteira» lealdade ao rei e avaliando a revolução liberal portuguesa de 1820 com muita prudência, é recebido em Lisboa em 1821 e aplaudido pela generalidade das fações políticas. Nomeado Conselheiro da Fazenda e

⁷² Napoleão terá ordenado a Correia da Serra que escrevesse um elogio à nova ordem napoleónica, o que este recusou. Ver SIMÕES A. *et al* (2006), p. 127 e CARVALHO A. da S. (1948) *O Abade Correia da Serra*, in “Memórias da Academia das Ciências de Lisboa”, Classe de Ciências, t. VI, p. 47.

⁷³ Nova definição da monarquia portuguesa depois de o príncipe regente dar ao Brasil, em 1815, o título de reino.

⁷⁴ SIMÕES A. *et al* (2006), p. 140.

deputado às Cortes de 1822, continuava no entanto, embora cumulado de honras, algo cético sobre o novo regime, que tinha como excessivamente radical para poder durar.

Reeleito Secretário da Academia das Ciências em 1821, tenta reativar a rede de contactos científicos que tinha estabelecido no final da década de 80 e década de 90, agora em novas condições políticas. Já muito doente, acaba por falecer em 1823. No volume de 1848 da *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa* (2.^a série, Tomo II, Parte D), onde se encontra publicado o «elogio histórico» de José Correia da Serra (p. IX e ss.), consta também a lista de sócios da Academia. Nela se incluem, entre os sócios estrangeiros em Turim, o Cavalleiro Costanzo Gazzera, Secretário da Academia Real das Ciências de Turim e o Conde Alexandre de Saluces (sic), Presidente da mesma Academia. As relações entre Lisboa e Turim perduravam para além dos homens, das suas viagens e das suas missões diplomáticas.

5. Conclusão

O presente capítulo pretendeu apreender o jogo das escalas temporais na história das viagens de eruditos portugueses do século XVIII, tomando Turim como cidade barómetro da evolução ou da confluência das práticas, dos interesses e das experiências de conhecimento. Se, nos inícios do século XVIII, a viagem de Manuel Caetano de Sousa, sem descurar as relíquias e o sagrado, é a viagem erudita por excelência, culta e elegante, no último quartel do século o Abade Correia da Serra vive igualmente a experiência da descoberta, mas agora tanto no acumular da erudição quanto na meticulosa recolha científica de materiais. Ambos, porém, obtiveram das suas viagens a Itália a máxima inserção numa República das Letras, não apenas italiana mas europeia.

A riqueza e diversidade cronológica e geográfica da cultura das Luzes, desde o período a que poderíamos chamar (usando um título de Paul Hazard) *a crise da consciência europeia* até à viragem do século, nos países do sul da Europa, é o horizonte teórico deste texto, valorizando a multiplicação das cronologias e dos espaços com as respetivas transferências e interações dinâmicas.

Longe das imagens estereotipadas que tantos viajantes na Itália frequentemente reproduziram nos séculos XVII e XVIII⁷⁵, os viajantes aqui estudados revelam um modo de olhar aberto à experiência do novo e do diferente, encarando a viagem como uma arte e um método de conhecimento.

⁷⁵ A bibliografia relativa a este tema seria extensa; referimos, apenas para exemplo: BURKE P. (2004), *What is cultural history?*, Polity Press, Cambridge pp. 63-64; BLACK Jeremy (2003), *Italy and the Grand Tour*, Yale University Press, New Haven and London; WAQUET F. (1989), *Le modèle français et l'Italie savante. Conscience de soi et perception de l'autre dans la republique des lettres (1660-1750)*, École française de Rome, Roma.

(Página deixada propositadamente em branco)